

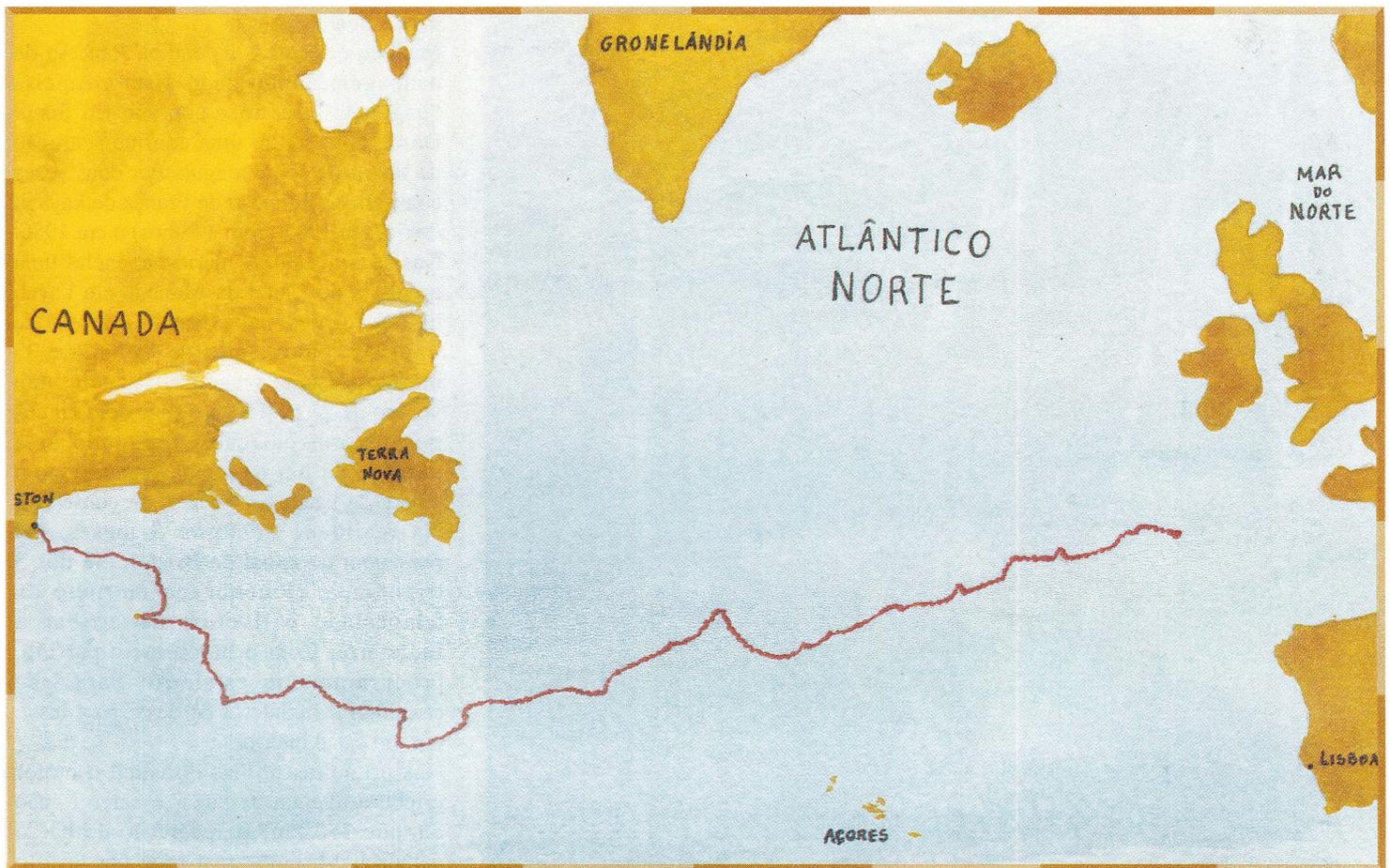
O ATLÂNTICO EM 83 DIAS



Não é todos os dias que nos cruzamos com alguém que acaba de atravessar o Atlântico, em solitário, num Kayak. Ao olharmos para Mathieu Morverand, dificilmente acreditamos que ele tenha conseguido tal proeza. Bretão, vinte e dois anos, estrutura baixa, ar franzino e cabelos amarelados pelo sol. Por detrás do seu olhar de criança, esconde-se um homem destemido e muito apressado. Alguém que não hesita em ir até aos limites de si mesmo. Pela aventura e porque esse é o seu destino. A verdade é que a vontade tem forças (neste caso de braços) que a razão desconhece - "A imortalização do meu périplo foi algo que eu justifiquei em cada dia. As experiências

não têm classificação. Se as desejamos apaixonadamente, elas merecem todas ser vencidas. E mais do que nunca, a minha vitória, devo-a mais a esta vontade e talvez a alguma maturidade, do que à minha idade e eventualmente ao meu diploma (gestor de marketing). O oceano continua mágico, mantém-se tudo por descobrir e acima de tudo, ele é ainda e será sempre aquela imensidão de força e de autenticidade, que torna cada um de nós mais humilde e humano. Boa sorte para aqueles que escolherem o seu rumo". Mais de filósofo aventureiro do que de maluco patrocinado. Embora estes últimos sejam uma raça em expansão em França, Mathieu é seguramente um caso à parte. Mesmo depois de 83 dias no mar, "caiu"

no Creoula tremendamente lícido e eufórico. Durante as 24 horas que esteve a bordo, não dormiu nem parou quieto. Até aos mastros subiu, para tirar fotografias. Mal subiu a escada de quebra-costas, do escuro da noite, caíu-lhe em cima uma saraivada de flashes. Contento por pisar navio firme, foi com uns chinelos nos pés e uma pagaia na mão, que ele nos cumprimentou. Desde entrevistas pela rádio até sessões de autógrafos, a tudo ele acedeu com grande profissionalismo. Apesar de ter alguma dificuldade em falar, depois de tanto tempo em silêncio. Fisicamente estava bem, embora bastante magro e um pouco "mirrado". Calmamente contou-me a história da sua aventura. Tudo começou do outro lado do



- O percurso seguido por Mathieu Morverand, um protegido dos Deuses

Atlântico, em Cape Cod (Boston). Afirma que a comunidade portuguesa o ajudou bastante. Depois de 3 anos de planeamento, a grande partida foi no dia 26 de Maio. Assim que se afastou da costa americana, colocou-se sobre a Corrente do Golfo. Depois foi só remar durante 70 dias até atingir a longitude do Cabo Mizzen Head, na ponta sudoeste da Irlanda (12° 33' Oeste). Feito conseguido a 7 de Agosto. Daqui para a frente seguiu-se um longo calvário. Enfrentando ventos contrários de nordeste, durante sete dias viu a vida derivar 120 milhas para sudoeste. Cada vez mais longe de casa. Mesmo assim recusou a ajuda de vários navios. A 13 de Agosto já com a comida a escassear, com problemas nos rins e restando-lhe apenas uma de 4 pagaias, aceitou o reboque de um atuneiro. A sua tripulação recusou-se a abandoná-lo, com medo de ficar com um morto na consciência. Um dia depois era largado "apenas" a 80 milhas do final, safo dos corredores de tráfego. No dia seguinte às 2 da manhã, cruzava a nossa proa e por pouco não ia "a pique". Um pouco antes tinha sido semi-abalroado por um cargueiro, que passou entre o kayak e a âncora flutuante. Miraculosamente, não foi "enrolado" pelo hélice porque alguém na ponte do navio parou a máquina! Vinte e

quatro horas mais tarde deixámo-lo ao largo de Ouessant. Mathieu seguiu rumo a Brest, levando na cabeça um chapéu do Creoula. Ao chegar a França, a comunicação social foi um pouco dura com ele, por ter aceite ajudas exteriores e não ter completado a sua travessia. Ao que parece, terá também recorrido a uma vela tipo papagaio (cerf-volant), que lhe permitiu percorrer 970 km na primeira semana. Os 12 graus Oeste eram a meta da sua viagem, porque ser nessa longitude que começa a Europa e acima de tudo porque Mathieu não é louco e sabia que no resto da viagem para França, teria de cruzar uma das zonas de navegação mais intensas do mundo. Onde dormir seria quase um suicídio. Mesmo com o pequeno pirlampo que ele mantinha aceso à noite, graças aos painéis solares. Para quem não esteve lá é fácil criticar e dizer que Mathieu não irá figurar ao lado dos grandes nomes do remo, como por exemplo Gerard d'Aboville. Só que é muito mais duro remar com uma pagaia do que um par de remos. É a primeira vez que o Atlântico Norte é atravessado num kayak. Para nós Mathieu será sempre um herói.

Os custos da aventura (200 mil dólares) foram patrocinados pela empresa conserveira Capitaine Cook, que já tinha

apoiado Gerard d'Aboville. O kayak de Mathieu é em fibra de carbono, pesando 140 kg vazio (450 em carga). Além do assento ao centro, possui duas zonas estanques. Na ré, além de dormir, guardava o rádio (dois VHF e um SSB que avariou logo no início), o equipamento de emergência (EPIRB e foguetes) e de navegação (dois GPS, cartas, etc) e uma reserva de comida. A proa servia de cozinha, dispensa e roupeiro. A alimentação compunha-se apenas de liofilizados, aos quais ele juntava a água de um dessalinizador manual. O dia-a-dia começava às 7 horas. Tomava um grande pequeno almoço e remava 5 horas. Às 13h almoçava e remava mais 5 horas. Seguiu-se um período de descanso. Depois tinha de dar à bomba para conseguir água para as refeições e lavagens. Jantava e refugiava-se no compartimento da ré para dormir 5/6 horas, divididas em períodos de 2 horas. Se o tempo deixasse. O pior momento foi a meio caminho, quando foi apanhado por uma grande tempestade (70 nós de vento). Durante 72 horas esteve isolado à ré - "mantive-me abraçado à balisa EPIRB e cada vez que o kayak rolava do alto de uma crista, eu quase que activava o sinal de emergência. Não sei porque é que não o fiz". O kayak aguentou-se e não meteu água. No final ►



- O Comandante Sá Leal e Mathieu soltam a âncora flutuante do Kayak que se tinha prendido no hélice do 'Creoula'

precisou de um dia para recuperar mentalmente. Para a história ficam 18 capotangos durante toda a viagem. Doze quando estava no interior e seis no exterior. Nestes últimos partiu 3 pagaias. Num deles foi atirado à água, para sotavento. Teve sorte porque o kayak derivou para cima dele e subiu novamente. A velocidade média oscilava os 3 nós, embora com a ajuda da Corrente do Golfo tenha chegado a avançar dois graus de longitude num dia. A solidão foi um forte adversário. Por vezes com o mar calmo, sem peixes nem aves à volta, o silêncio era tal que podia ouvir o próprio bater do coração. No meio do Atlântico, sentiu receio que a sua pagaia ao rasgar a água pudesse perturbar o universo. Como ele disse, “o mar droga-nos. Corre-se o perigo

de nos deixarmos embalar pela sua canção e deixar de comer, de dormir e ir longe demais”. Sem rádio. Sempre a pagaiar. Durante 14 dias não divisou vivalma. Por vezes um cargueiro passava, mas sem o ver. Para matar o tempo entretinha-se a escrever cartas (nunca enviadas) à namorada, a refilar com as baleias que se aproximavam demasiado e a comunicar com os golfinhos por meio de pancadas no casco.

Os sons destes interferiam com o rádio. O primeiro barco à vela que encontrou foi o Creoula e não hesita em afirmar que foi a tripulação mais simpática que alguma vez conheceu no mar. Como comentário final, diz-nos que é muito difícil remar num kayak deste género e que não voltará a efectuar uma viagem deste tipo. Daqui

para a frente só à vela.

Mathieu é membro da equipa francesa de canoagem, tendo dado a sua primeira “pagaiada” aos doze anos no rio Sena. Desde logo sentiu uma enorme sensação de liberdade sobre a água. Por duas vezes consagra-se campeão de França de kayak de rio, em 1985 (com 14 anos) e em 1986. Nas suas aventuras marítimas inclui uma travessia do Canal da Mancha em kayak de três lugares, pulverizando o record da travessia com o tempo de 15 horas e 35 minutos, e uma viagem à Islândia num veleiro de 21 pés! Esta última com alguns pormenores curiosos. Prevendo uma duração de um mês, abasteceu-se com 100kg de batatas e 45 latas de conservas. Na realidade demorou 3 meses. Na passagem do canal de Bristol, um dos 3 tripulantes enlouqueceu no meio da tempestade e tiveram de arribar a Inglaterra. Com o barco meio partido, procuraram um estaleiro. Para isso cruzaram a Inglaterra de oeste para leste, por um canal interior.

Nas primeiras milhas do canal o motor gripou e tiveram de puxar o barco à mão durante 250 km! A reparação do barco demorou 14 dias e acabaram por levá-lo para a Islândia a bordo de um cargueiro. Seguiu-se um período de trabalho (2 anos!) na pesca para pagar as dívidas. Mas as aventuras de Mathieu não se ficam só pelo mar.

Cada vez que ele se desloca a um local para participar numa prova de canoagem, ele procura novos desafios. Foi assim que caminhou pelos desertos da Austrália, África e Islândia. Talvez um dia o voltemos a encontrar. Sabe-se lá onde. □

Luis Silva



- O destemido aventureiro no momento em que chegava ao lugre português